

Cyberbullying

Um em cada seis estudantes brasileiros do ensino fundamental já foi alvo de bullying no mundo virtual. Isolamento, medo e até depressão são sinais evidentes desse tipo de violência.

O cyberbullying, o **assédio covarde** organizado por grupos contra uma pessoa e alimentado via internet, cresceu no Brasil. Uma nova pesquisa conduzida com mais de 5 000 alunos do ensino fundamental em todo o Brasil revela dados assustadores sobre o uso da internet para a organização de ataques à honra das pessoas. O levantamento feito pela Plan, uma ONG presente em 66 países, mostra a extensão do problema nas escolas. Pelo menos um em cada seis estudantes disse aos pesquisadores já ter sofrido agressões sistemáticas e organizadas na rede. **A maldade dos agressores é potencializada pelo cyberbullying.** As comunidades virtuais, os blogs e as correntes de mensagens são áreas de convivência dos adolescentes, locais em que eles se expõem, paqueram e trocam ideias. Ser privado dessa convivência ou, pior, ser alvo de ataques dos próprios colegas ali é devastador. A autoestima desaparece.

O suicídio de uma adolescente de 13 anos, vítima de cyberbullying praticado por uma vizinha e sua mãe em 2006, levantou pela primeira vez a questão de como identificar e punir os culpados por esses ataques. O caso da menina americana ainda não obteve solução definitiva na Justiça, mas, como é praxe nos Estados Unidos, deve estabelecer uma jurisprudência orientadora de novos casos. No Brasil não existem leis destinadas a punir especificamente os autores desses crimes. Os casos geralmente são enquadrados no Código Civil como crimes contra a honra, ofensa de natureza semelhante à dos crimes de calúnia e difamação. Nos casos julgados no Brasil, as condenações foram multas para os pais e prestação de serviços comunitários para jovens menores de 18 anos.

PARA EVITAR O PIOR NA REDE

Os especialistas concordam que cabe à família orientar ou mesmo supervisionar o uso da internet pelos filhos até a adolescência, de modo a evitar que eles se envolvam em situações de perigo. A lista de práticas simples e já testadas com sucesso:

- Orientá-los a não aceitar convite de gente desconhecida nas redes sociais.
- Instruí-los a não expor na internet fotografias nem vídeos pessoais, que podem vir a ser usados em fotomontagens maldosas.
- **Esclarecer que a internet não é um território sem lei e que o jovem pode ser responsabilizado judicialmente caso poste comentários ou e-mails agressivos.**
- Monitorar os sites acessados por meio do histórico do navegador.
- Instalar programas que controlam o acesso a determinados sites, se julgar necessário.
- Dizer ao filho que, caso seja vítima de uma agressão on-line, ele deverá relatar o fato à família e denunciá-lo ao site.

O QUE É BULLYING?

O que diferencia uma “zoada” do bullying é a intenção daquele que provoca um colega de magoá-lo e a repetição desse comportamento ao longo do tempo. No bullying sempre existe uma clara diferença entre o mais forte e o mais fraco, que tem dificuldade de quebrar esse relação de poder desigual.

ALGUMAS CAUSAS COMUNS DE BULLYING

INVEJA – Comum entre meninas. Garotas mais bonitas e/ou populares entre os homens podem ser vítimas das outras meninas.

MEDO – Todo o mundo tem medo de ser piada. E algumas pessoas consideram que “atacar é a melhor defesa”.

EGOCENTRISMO – Muitos atacam e provocam para ser o centro das atenções. E são incapazes de perceber a dor que causam nos outros.

CONFIANÇA NA PRÓPRIA SUPERIORIDADE – As pessoas às vezes aprendem que são melhores do que outras e que não devem se associar às “perdedoras”.

PROTEGER A PRÓPRIA IMAGEM – Algumas pessoas tentam controlar a sua autoimagem evitando que pessoas diferentes

(ou vistas como tal) façam parte de seu círculo de amizades.

VIOLÊNCIA NA MÍDIA – Algumas pesquisas mostram que a violência da televisão torna os jovens mais agressivos e menos solidários.

AMBIENTE FAMILIAR RUIM – A falta de afeto em casa costuma aumentar a possibilidade de um jovem praticar bullying. Castigos físicos também.

MENTALIDADE DE GRUPO – Para os grupos de pessoas, o “outro” ajuda a criar identidade. Aquele que é diferente dá união ao grupo.